

Um estudo de caso sobre recepção dos clássicos no Brasil do século XIX: o inusitado manuscrito da *Iliada* na Biblioteca Nacional

A case study on reception of the classics in the 19th century Brazil: the unusual manuscript of the Iliad in the National Library

Ricardo Neves dos Santos

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

ricardo.neves.santos@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-9745-4292>

Resumo: Entre os manuscritos depositados no arquivo da Biblioteca Nacional, encontra-se um sem datação e sem local de redação. No banco de dados há apenas a informação de que se trata de um manuscrito da *Iliada* de Homero. A análise de uma cópia digitalizada do manuscrito revelou que se trata da tradução completa do Canto XIII da *Iliada*. Na última página encontra-se um registro significativo: “Autographo de fr. José de Santa Maria Amaral. É um precioso fragmento de tradução da *Iliada* de Homero feita por aquele religioso beneditino e oferecido à Bibliotheca Nacional pelo Dr. Ramiz Galvão”. Ora, quem teria sido o frei José de Santa Maria Amaral? Por que será que se dedicou a traduzir a *Iliada* de Homero? São questões sobre as quais se debruça o presente artigo, além de apresentar um trecho da transcrição paleográfica desse manuscrito.

Palavras-chave: Homero; *Iliada*; Recepção dos Clássicos; Ramiz Galvão; Paleografia.

Abstract: Among the manuscripts deposited in the National Library archive of Brazil, there is one without a date and without a place of writing in its catalog record. The database contains information that it is a manuscript of Homer’s *Iliad*. I had access to a digitized copy of the manuscript and found that it is the complete translation of Canto XIII of *the Iliad*, and that on its last page something quite significant is written: “Autograph by Fr. José de Santa Maria Amaral. It is a precious fragment of a translation of Homer’s *Iliad* made by that Benedictine religious and offered to the Bibliotheca Nacional by Dr. Ramiz Galvão”. Now, who would Fr. José de Santa Maria Amaral have been? Why did he dedicate himself to translating Homer’s *Iliad*? These are questions

that I will focus on in this article, as well as presenting an excerpt from the paleographic transcription of this manuscript.

Keywords: Homer; Iliad; Classics Reception Studies; Ramiz Galvão; Paleography.

1 Considerações preliminares

Era 27 de novembro de 1869. O policial deu a voz de prisão a um jovem estudante acusado de desacato. Não se sabe ao certo como começou a confusão. O jovem resiste à prisão, e a situação se agrava quando ele é ferido por uma cutilada de espada pelo oficial. Outros estudantes que contemplavam a cena saem em defesa do ferido. Mais policiais acorrem ao local para reprimir qualquer tentativa de oposição à condução do estudante à cadeia. Foi o estopim. Uma verdadeira batalha entre polícia e estudantes se desenrola nas ruas da capital do Império brasileiro.

Nos três dias que se seguem alunos de cursos preparatórios para o ensino superior invadem departamentos públicos em protesto contra aquilo que consideram ser arbitrariedades da polícia. Mais prisões e protestos ocorrem. A cidade do Rio está em ebulição. Nos jornais da época alguns acusam categoricamente a polícia, denunciando a truculência e brutalidade de suas ações. Outros partem em defesa dos policiais, afirmando que a juventude estudantil, além de boêmia, não passava de uma massa de manobra daqueles que desejavam provocar desordens. Membros da Armada Brasileira são acusados de serem os mentores e fomentadores dos protestos estudantis. Nomes de desafetos são citados nos jornais, lançando a desconfiança sobre a presença dessas pessoas no meio da turba. O Dr. Silva Pinto, por exemplo, citado em uma das matérias sobre o ocorrido, procura justificar sua presença no meio dos estudantes revoltados. Sua resposta está na terceira página do *Diário do Rio de Janeiro*, em sua edição de 30 de novembro de 1869:

Devo ao público explicar a razão por que me achei no teatro das façanhas policiais depois da *batalha*, que não assisti por chegar tarde, mas cujos vestígios verifiquei ainda ensangüentados no rosto e cabeça das vítimas. [...]

Corri ansioso ao lugar, não para testemunhar a glória dos guerreiros, mas para defender e desembaraçar do conflito meus filhos que ali deviam se achar a espera da chamada. [...] Eis a razão por que involuntariamente me achei presente, não a *essa reunião*, mas a esse espetáculo de violência. Felizmente um dos meus filhos de nome Joaquim estava fazendo exame de Latim *sem dicionário*, e o outro chegou depois de mim, e com ambos me retirei para casa. [...] Toda a população se indignou de ver como gente armada mostrava valentia, nunca vista, nem nos campos do Paraguai, contra meninos desarmados. (grifos do autor)

A situação chega a um impasse, ficando desgastante tanto para a polícia, que vê a cada dia sua imagem ficar ainda mais abalada por causa do conflito, bem como para a elite carioca, que tem os seus jovens figurando entre os principais manifestantes presos. As vozes, então, se alçam em direção a um mestre respeitado por todos, até mesmo pelos estudantes que protestavam, mas que estranhamente se mantinha em silêncio diante de tamanha ebulição. Naquele momento essa figura ocupava o cargo de Inspetor Geral da Instrução Pública. Ainda no número do dia 30 de novembro do *Diário do Rio de Janeiro*, um articulista que não se identifica abertamente escreve:

É lamentável, mesmo doloroso, que o conflito entre os estudantes de preparatórios e a polícia, de dia em dia, assuma proporções de consequências fatais e menos evitáveis. [...] Não admira o procedimento da mocidade que nele tem tomado parte. Os moços são naturalmente imprudentes, irrefletidos e indiscretos; dotados de um gênio ainda naturalmente irascível, se deixam levar a excessos de que eles mesmos depois se arrependem, quando mais tranquilos pensam sobre o que fizeram, embora em defesa dos seus direitos. [...] O que admira é que se conserve impassível, em sua cadeira de Inspetor Geral, um homem inteligente e que por sua ilustração e saber é por todos respeitado: um mestre que nunca sofreu a mais leve contrariedade de seus discípulos, e cuja palavra eloquente e persuasiva bastava para acalmar o ânimo mais desesperado, a turba mais revolta e desenfreada; cuja figura só, impõe respeito, senão temor àqueles que o

cercam. [...] Enfim, um professor exemplar, com aplauso e geral satisfação de todos os pais de família, nomeado Reitor do Internato do Imperial Colégio Pedro II, e ultimamente Inspetor Geral da Instrução Pública. O que admira é que o Padre Mestre Frei José de Santa Maria Amaral permita que em seu nome se cometa tantas violências contra essa mocidade que só espera que ele lhe diga que não deva reagir, para pronta sofrer tranquila quantos vexames com que a polícia a quiser desmoralizar e insultar.

A crítica respeitosa parece ter alcançado os efeitos almejados. Os ânimos se acalmaram, a reconciliação foi estabelecida, e o evento que causara tamanha preocupação na época ficou praticamente esquecido, até ser lembrado graças à descoberta de um inusitado manuscrito da tradução da *Iliada* de Homero.

No catálogo de manuscritos depositados no arquivo da Biblioteca Nacional, encontra-se um sem datação e sem local de redação. No banco de dados, há apenas a informação que se trata da *Iliada* de Homero. Diante disso, empreendemos uma leitura paleográfica a partir de uma cópia digitalizada do manuscrito fornecida pela Biblioteca Nacional, analisando a caligrafia, a ortografia, e eventuais pistas que nos ajudassem a datar e atribuir a autoria ao documento. Constatou-se, então, que se trata de uma tradução em língua portuguesa de todo o Canto XIII da *Iliada*, e que em sua última página encontra-se escrito algo bastante significativo e que de certa forma se relaciona aos fatos supramencionados no início deste artigo: “Autographo de fr. José de Santa Maria Amaral. É um precioso fragmento de tradução da *Iliada* de Homero feita por aquele religioso beneditino e oferecido à Bibliotheca Nacional pelo Dr. Ramiz Galvão. João de Saldanha da Gama Bibliothecario”.

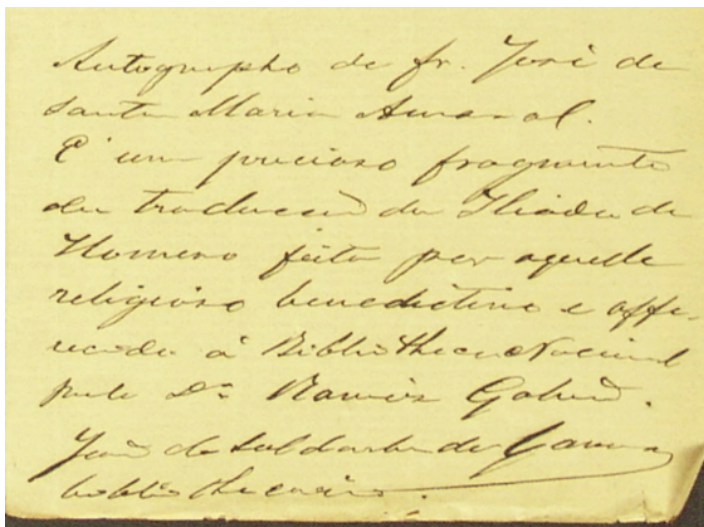


Figura 1 – Pequena descrição na última página do manuscrito feita pelo então diretor da Biblioteca Nacional João de Saldanha da Gama. Acervo pertencente à Biblioteca Nacional (Domínio Público).

João de Saldanha da Gama, que fez a sucinta descrição do manuscrito ao seu final, sucedeu a Ramiz Galvão¹ na direção da Biblioteca Nacional de 1882 a 1889, quando Ramiz foi chamado para ser o tutor dos netos do Imperador D. Pedro II. Ramiz Galvão dirigira a Biblioteca de 1870 a 1882, e após esse período desempenhou a função de tutor até a queda da Monarquia, em 1889. Antes de 1889, os diretores da Biblioteca Nacional eram apenas chamados de “bibliotecários”, como nos informa Mauricéa Filho (1972, p. 116), e é assim que João de Saldanha se identifica no fragmento acima apresentado. Ainda na descrição é mencionada a autoria do manuscrito: frei José de Santa Maria Amaral. Depois de um levantamento bibliográfico, foi possível constatar que o

¹ Benjamin Franklin Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz (1846-1938), primeiro Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1921-1925), foi professor de Grego e Retórica no Colégio Pedro II. Ramiz também foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 12 de abril de 1928 foi eleito pela Academia Brasileira de Letras para ocupar a cadeira 32, sucedendo Carlos de Lact.

nome do frei é muito menos conhecido do que o de Ramiz Galvão. Pode-se até mesmo dizer que ele é praticamente desconhecido aos estudiosos de Letras Clássicas. Ora, quem teria sido, então, esse personagem? Por que será que ele se dedicou a traduzir a *Iliada* de Homero? Em que tempo e lugar viveu e qual teria sido a recepção de Homero entre seus contemporâneos? Qual teria sido a relação entre ele e aquele que viria a ser o primeiro Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ramiz Galvão? São questões sobre as quais se debruçará o presente artigo. Ao final, será apresentado um trecho da transcrição paleográfica desse fragmento de tradução da *Iliada*. Os pressupostos teóricos da transcrição empreendida serão apresentados mais adiante.

2 A Recepção de Homero no Brasil da segunda metade do século XIX

A área de Recepção dos Clássicos Greco-latinos concentra-se na forma como as obras da Antiguidade são recebidas em períodos subsequentes, com o propósito de estudar aspectos em que as fontes clássicas são alteradas, supervalorizadas, marginalizadas ou negligenciadas; pois cada vez que um texto clássico é lido, ele está sendo recebido e interpretado de uma nova maneira (Bakogianni, 2016, pp. 115-116). Os Estudos de Recepção têm se mostrado uma área em constante ascensão desde os últimos decênios do século XX, tendo se originado das teorias da Estética da Recepção, concebida na Alemanha dos anos de 1960, especialmente a partir do trabalho de estudiosos como Hans Robert Jauss (1982), Wolfgang Iser (1978) e Hans Georg Gadamer (1960, e a 2^a ed. de 1965).

A crítica da Estética da Recepção concentra-se no protagonismo desempenhado pelo leitor na formulação de significado. Cada leitor ‘recebe’ um texto de maneira única, dependendo de sua educação, experiências de vida e interesses pessoais (Bakogianni, 2016, p. 115). Diante disso, a Recepção dos Clássicos, um importante segmento dos Estudos de Recepção, vem demonstrando que as semelhanças e diferenças entre o antigo e o moderno, e a percepção do equilíbrio instável entre essas mesmas semelhanças e diferenças, desarmam posições grosseiramente polarizadas, como a de que os textos clássicos tratam somente de aspectos universais e imutáveis da natureza humana, ou de que esses textos são tão remotos e estranhos que não teriam nenhum valor para a experiência

pós-clássica (Hardwick, 2003, p. 11; Tatum, 2014, p. 91). Levando isso em conta, é relevante considerar o contexto em que cada retomada do texto clássico se dá. Nesse sentido, algumas questões são incontornáveis acerca do objeto de estudo para esse artigo, a saber: 1) Como os poemas homéricos eram percebidos no Brasil da segunda metade do século XIX, tempo em que os indícios do manuscrito apontam para sua redação? 2) Qual a importância que os letrados da época davam a essas obras? 3) Como a maneira de ver dos intelectuais da época fomentou o empreendimento tradutório do frei José de Santa Maria Amaral? O levantamento que se segue foi norteado por tais questões.

Num país em que a grande maioria da população era analfabeta, é praticamente impossível dizer que Homero era de fato popular no Brasil do século XIX. As pessoas letradas da época representavam uma parcela ínfima da população (Schwacz, 1998, p. 118). Apesar disso, o estudo da cultura e línguas clássicas faziam parte do currículo dos colégios que formavam a elite brasileira. Tais estudos eram, por assim dizer, como uma espécie de marca distintiva daqueles que eram destinados a governar, uma espécie de “capital cultural”, ou “capital de reconhecimento”, como nota Foster (2020, p. 44). No tempo das “casacas” ou “bacharéis”, como diziam os críticos da Monarquia, a capacidade e possibilidade de conhecer e apreciar obras clássicas da antiguidade seriam um recurso, ou um agente imprescindível para que as negociações de identidade e inclusão/exclusão social acontecessem (Schwacz, 1998, p. 119).

No jornal *O País*, por exemplo, em seu número do dia 17 de julho de 1912, o articulista que assina como “C. de L.”² menciona a importância que os estudos clássicos tiveram no passado recente, antes da Proclamação da República. Ele ainda afirma que Ramiz Galvão, que não gostava que o chamassem de “Barão”, embora tivesse granjeado esse título nobiliárquico durante a Monarquia, de vez em quando regia alguma aula de grego no Colégio Pedro II. C. de L ainda afirma que o

² Trata-se do jornalista Carlos de Laet (1847-1927), que, em *O País*, foi responsável pela coluna “Microcosmo”, semanalmente publicada até o ano de 1916. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, assumiu ali a cadeira nº 32, cujo patrono é Manuel de Araújo Porto-Alegre .

estudo da língua grega parecia condenada a desaparecer no sistema de ensino brasileiro:

[...] Ramiz, de vez em quando, tem regido, no Colégio de Pedro II, a Cadeira de Grego, que hoje parece condenada a desaparecer, desde que a famosa língua caiu com o bacharelado. E ninguém mais apto para a ensinar do que Ramiz, conhecedor emérito do idioma e da literatura helênica. [...] Pois quando o grego era julgado necessário, e se tratava de bem o ensinar, Ramiz prestou excelentes serviços.

Mesmo no Império, na segunda metade do século XIX, já era possível notar certa contestação sobre a real importância dos estudos clássicos, e isso partia de setores que procuravam se filiar a uma tendência de modernização do país, com a construção de várias linhas ferroviárias, novas rotas comerciais com navios a vapor, e com a comunicação intensiva via telégrafo. Pululavam debates sobre o que de fato se deveria ensinar à juventude brasileira. Opiniões divergentes digladiavam-se nos periódicos da época, e o nome de Homero surgiu não poucas vezes em meio à querela.

Talvez por causa da ideia de “gênio”, tão apreciada pelo movimento romântico (Candido & Castelo, 1973, pp. 245-260), a chamada “questão homérica” não parecia ser uma preocupação àqueles que defendiam a causa clássica³. E, embora conhecessem algo sobre a questão, a imagem que os eruditos brasileiros da segunda metade do século XIX tinham de Homero era de alguém que realmente existira e que coligira e dera certa harmonia aos cantos dos aedos gregos que o precederam. Ainda no final do século, o filho de José de Alencar, Mario de Alencar, interlocutor constante sobre literatura grega de Machado de Assis (Werneck, 2000), defendia a ideia de que toda arte possui um ciclo de vida semelhante aos dos seres vivos, com nascimento,

³ Em sentido lato, a chamada “Questão Homérica” engloba, por assim dizer, várias questões envolvendo a *Iliada* e a *Odisseia*. Entre elas figura se Homero teria realmente existido ou não; se a *Iliada* e a *Odisseia* teriam sido obras de um mesmo autor, ou se tais poemas épicos foram na verdade o fruto de uma produção coletiva de poetas anônimos ao longo dos séculos. Para mais detalhes, ver Frade (2017).

maturidade e morte. Esse ciclo se repetiria ao longo dos séculos. Homero, então, é destacado como o representante da maturidade da poesia épica grega, nos seguintes termos:

Como a espécie humana, a poesia percorre vários estádios da existência: tem infância, virilidade, decadência e morte. [...] Na épica da Grécia, por exemplo, Homero que representa o zênite da arte, é precedido pelos rapsodos anônimos, tem por sucessores literatos do período alexandrino, e estes têm seus epígonos em poetas como o Pseudo Museus (Alencar, 1897, p. 52).

Homero era, então, referência de excelência literária. Quando o famoso padre e filósofo Francisco do Monte Alverne (1784-1858) subira ao púlpito para pregar em 1854, depois de anos de reclusão devido à cegueira que o acometeu em 1836, João Cardoso de Menezes, aquele que viria a se tornar o Barão de Paranapiacaba, fica tão impressionado com a figura do religioso pregando que o compara a Homero, evocando uma imagem bem semelhante à que o poeta grego recebeu em suas “Vidas”, compostas na antiguidade:

O semblante do ilustre frade tinha a palidez de um busto homérico, e em cada um de seus traços fisionômicos lia-se a história de um sofrimento, que a mão da dor tinha cavado em sulcos profundos e indeléveis. Esses olhos, que não podem mais contemplar a abóbada celeste e o magnífico espetáculo da natureza, já não despem os raios do fulgor com que o entusiasmo e o vulcão das ideias iluminavam nos solenes momentos de inspiração, e rolam embaciados nas órbitas, que lhes servem de sepulcro. Assim os mitólogos perpetuaram o tipo heroico dessa entidade simbólica que, coligindo as composições dos rapsodistas num ramallete uniforme, é encarado hoje como a encarnação da poesia helênica e como o fundador da primeira epopeia do mundo (Cardoso de Menezes, 1855, p. 1).

Já admiradores mais ardorosos de Homero rejeitavam até mesmo a ideia de traduzi-lo para a língua portuguesa. No *Jornal da Bahia*, de 4 de abril de 1855, o articulista, que não se identifica, escreve:

Sempre acreditei que fazer um poema épico, que viva 20 anos mais que seu autor, era em grande extremo difícil, e esta opinião eu tinha formado por observar que o mundo, desde que tem uso de razão, não tem produzido mais de meia dúzia de obras desta classe. Porém, julguei que havia outra coisa mais difícil do que fazer um poema, e está coisa mais difícil era traduzi-lo, e para crê-lo assim tinha justamente uma razão contraditória à que já indiquei; pois se o mundo não tem produzido até agora mais de meia dúzia de poemas, tem-se visto em todas as idades com escândalo das letras, com horror da literatura e com violação do bom gosto, saírem aos milhares traduções desses poemas tão escassos. Porém, que traduções! Santo Deus! Até hoje não tenho encontrado nem uma sequer que não me tenha enchido de ira ao lê-la. [...] Para traduzir a *Iliada* seria necessário ser Homero. Dizem que Vergílio não se atreveu a querer fazê-lo, o que fez muito bem, porque creio não houvera sido capaz disto.

É claro que a tese supracitada só encontraria eco num público bastante restrito de políglotas, pois para se encher de ira ao ler uma tradução de Homero, por considerá-la inferior ao texto de partida, evidentemente é preciso conhecer bem o original. A despeito disso, é justamente na segunda metade do século XIX que é publicada, postumamente — diga-se de passagem — aquela que, até onde se sabe, é a primeira tradução brasileira da *Iliada*, empreendida pelo maranhense Manoel Odorico Mendes. No *Diário do Rio de Janeiro* de 25 de março de 1874, encontra-se o seguinte anúncio: “À venda na Livraria de Cruz Coutinho, Rua de S. José, n.75, a *Iliada* de Homero, tradução de M. Odorico Mendes, 1 volume com 314 páginas, 3C000”. Se, por um lado, uma elite políglota afirmava que era uma temeridade traduzir Homero, por ser praticamente impossível reproduzir as qualidades originais de seus poemas épicos; por outro, no *Diário do Rio de Janeiro*, de 25 de novembro de 1860, A. A. Teixeira de Vasconcelos procurava discordar da ideia que começava a ficar corrente de que “Vale uma vara de fita mais que a *Iliada* de Homero”, isto é, mais vale um artigo diário, como

uma fita de tecido comprada num armazém qualquer, do que uma obra clássica da antiguidade⁴.

Diante desse cenário, é importante também lembrar que o catolicismo era a religião oficial do Brasil na época; o estado brasileiro não era laico. Nesse tempo, os padres eram praticamente funcionários públicos, recebendo inclusive salário do governo imperial (Carvalho, 2007, p. 150). Além das funções eclesiásticas, muitos desses sacerdotes também desempenhavam funções de magistério, sendo as escolas religiosas a base da rede de ensino. Para esse corpo de sacerdotes/professores era de grande importância o estudo do hebraico, latim e grego, chamadas de “Línguas Sagradas”, pois os originais das Sagradas Escrituras foram escritos em quase sua totalidade em hebraico (Velho Testamento) e grego (Novo Testamento), e o latim, por sua vez, tinha sua importância na liturgia oficial da Igreja, bem como na leitura da versão mais apreciada pelos católicos: a Vulgata Latina. E, de fato, a tradução da Bíblia para o latim era mais acessível na época que os originais em hebraico e grego. Para o religioso, Deus não criara uma língua nova para revelar sua vontade à humanidade, mas utilizou línguas já existentes para isso. Se o hebraico antigo, por sua vez, era como uma ilha isolada, tendo apenas o Velho Testamento como a principal obra de referência para seu estudo, não se poderia dizer o mesmo do grego e do latim. Dessa forma, o estudo dos textos sagrados por esse público específico passava necessariamente pelos estudos dos clássicos greco-latinos, numa espécie de busca constante de aprimoramento filológico (Ramos, 2019, p. 175).

Talvez esteja aí um dos motivos pelo qual o frei José de Santa Maria Amaral, em vez de traduzir apenas textos sagrados, empreendeu sua própria tradução da *Iliada* de Homero. O ato de traduzir era visto como um meio privilegiado para se dominar uma língua antiga, bem como era reputado como a forma mais acurada de leitura dos textos antigos.

3 Quem era o frei José de Santa Maria Amaral e qual a sua relação com Ramiz Galvão?

⁴ O sistema métrico só foi oficializado no Brasil em 1862. Antes disso a “vara” era uma unidade linear básica utilizada na época, e equivalia a cerca de 1,10 m.

No manuscrito depositado na Biblioteca Nacional, nota-se a nítida caligrafia de frei José de Santa Maria Amaral (26/04/1821 – 29/08/1889), com poucas rasuras, o que parece indicar que ele pretendia oferecê-lo a algum leitor, ou leitores de sua confiança. Sabe-se que o religioso também compôs e ofereceu a D. Pedro II um tratado de Filosofia, que o Imperador apreciava muito e se propunha a dar publicidade após a morte do autor, “no que se viu impedido de cumprir pela Proclamação da República (o padre faleceu em 29 de agosto de 1889)” (Lemos, 1977, p. 11). Há de se desconfiar que algo semelhante ocorrera em relação ao seu manuscrito da *Iliada*, doado, como visto, à Biblioteca Nacional pelo seu antigo diretor, Ramiz Galvão. Aliás, Ramiz foi um talento que o frei José descobriu e protegeu, é o que declara o articulista C. de L, já mencionado anteriormente, quando escreve:

Um frade Beneditino, tão ilustrado quão piedoso, frei José de Santa Maria Amaral, interessou-se pelo aluno [Ramiz Galvão] em que se revelavam felizes disposições. Ramiz pode assim fazer os seus estudos superiores na escola de medicina, e aí também graduou-se, não obstante a escassez de meios de sua honesta família⁵.

José de Santa Maria Amaral foi também membro do Instituto de França e outras associações científicas do país e do exterior, conhecido como um exímio mineralogista (Lemos, 1977, p. 11). Foi efetivado como professor de Filosofia do Colégio Pedro II em 26 de janeiro de 1858, tornou-se Reitor da instituição em 13 de abril de 1866. Em 16 de junho de 1869 foi nomeado Inspetor Geral da Instrução pública. Em 1871, depois de pedir aumento de salário para funcionários de sua repartição, descrever uma série de problemas relacionados à falta de pessoal e recursos, e diligenciar para a contratação de novos trabalhadores, o frei encerra seu relatório da seguinte forma: “Agora termino esta imperfeita informação que a lei me obriga a apresentar a V. Ex., de quem espero exoneração de um cargo que reconheço superior às minhas forças, como já declarei”⁶. José de Santa Maria voltou às funções de Reitor do Colégio

⁵ *O País*. 17 de julho de 1912. Ano XXVIII, nº 10.146.

⁶ *Relatório do Estado de instrução primária e secundária*. Rio de Janeiro, 1871, p. 29

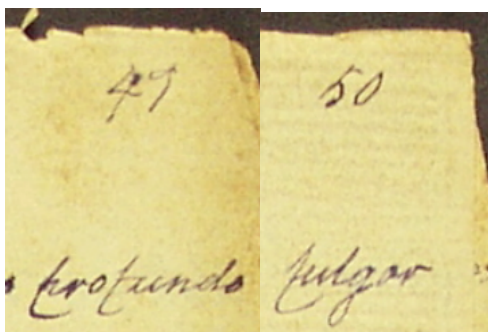
Pedro II. Na década de sessenta, o frei também fora convocado para ser professor de Filosofia das Princesas Imperiais Isabel e Leopoldina. Nessa ocasião ele recebia orientações diretas do próprio Imperador e da tutora das meninas, Luísa Margarida Portugal de Barros, a Condessa de Barral. Isabel desenvolveu um profundo respeito ao frei José de Santa Maria Amaral, a quem devotava muito apreço. Em 1889, o periódico *O Apóstolo*, de 30 de agosto, anunciava:

Frei José de Santa Maria: faleceu ontem em seu mosteiro, rodeado dos cuidados de seus irmãos de hábito [...]. O ilustre finado era natural da Bahia, e contava 69 anos incompletos de idade, 53 de hábito; muito jovem ainda, sustentou teses de Filosofia e Teologia no mosteiro da Bahia. Suas notáveis aptidões em breve o roubariam àquela Atenas brasileira, sendo chamado em 1843 para lecionar aos coristas e colegiais do mosteiro desta Corte, onde professou com distinção notável o ensino na cadeira de Filosofia. Logo em seguida foi distinguido com a confiança do Governo, sendo nomeado para exercer interinamente a cadeira de Filosofia do Imperial Colégio Pedro II, lugar no qual sucedeu ao notável Magalhães, filósofo e literato de gloriosa memória; e tão notavelmente desempenhou-se desse encargo o Padre-Mestre Santa Maria, que o Governo Imperial houve por bem confirmá-lo na dita cadeira como professor vitalício, independentemente de concurso, preenchendo sempre distintamente os seus deveres até aposentar-se.

4 Metodologia da transcrição do manuscrito

Há indícios de que o manuscrito de José de Santa Maria Amaral seja parte de um todo maior, se não for de toda a *Iliada*, pelo menos dos treze primeiros Cantos, o que se procurará a demonstrar a seguir. Realizou-se a transcrição total do manuscrito, mas, devido às limitações de espaço para o presente artigo, apresenta-se aqui apenas um trecho da transcrição, referente à tradução em prosa para os versos 1 a 239 do Canto XIII. O trabalho foi empreendido em diálogo com as obras *Noções de Paleografia e Diplomática* (2008), de Anna Regina Berwanger e

João Eurípidés Franklin Leal; *Fundamentos da Crítica Textual* (2004), de Bárbara Spaggiari e Maurizio Perugi; e *Introdução à Crítica Textual* (2005), de César Nardeli Cambraia. Não há um consenso absoluto sobre os critérios propostos pelos autores supracitados no que concerne aos sinais diacríticos para especificar marcas de rasura ou correções feitas pelo autor do manuscrito. Diante disso, procurou-se utilizar aquilo que mais se adequava às especificidades do presente estudo. No trabalho de transcrição realizado para este artigo, a ortografia do manuscrito foi mantida, isto é, não foi realizada nenhum tipo de atualização ou correção; como, por exemplo, em relação à curiosa característica dos escritos brasileiros do século XIX de se usar o sufixo “-ão” para indicar a terceira pessoa do plural do pretérito, tanto perfeito quanto imperfeito: “falarão/falavão” em vez de “falaram/falavam”. Outra característica bastante comum é que a crase é indicada com o acento agudo: “foi á batalha” em vez de “foi à batalha”. As proparoxítonas não são acentuadas, e as paroxítonas terminadas em “o(s), a(s), e(s), em” são acentuadas com acento agudo quando o som da tônica é aberto, e com o acento de crase, quando o som da tônica é fechado. Quanto à marcação de página, o manuscrito apresenta um aspecto bastante curioso. A marcação começa naquela que seria a segunda página do manuscrito, mas em vez de trazer o número “2”, encontra-se o número “49” no canto superior direito da página. Depois desta indicação, a próxima marcação de página só aparece depois de um intervalo de oito páginas. Na oitava página, também no canto superior direito, é marcado o número “50”. O mesmo padrão de intervalo de marcação se repete até o número 52. Depois da marcação “52”, só há mais seis páginas de manuscrito.



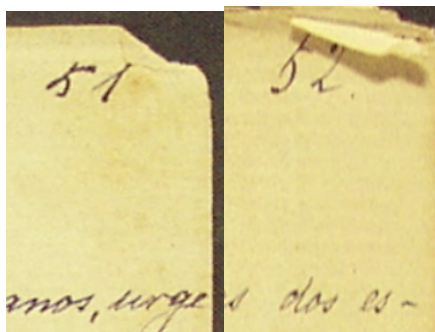


Figura 2. Acervo pertencente à Biblioteca Nacional (marcação de páginas no manuscrito)

Por mais curiosa e instigante que possa parecer tal padrão de marcação de página, algo já pode ser deduzido com certeza a partir dela: José de Santa Maria Amaral não traduziu apenas o canto XIII da *Iliada*. Este manuscrito depositado na Biblioteca Nacional é um fragmento de um empreendimento ainda maior. Mas como explicar tão inusitada forma de marcação de página? A nossa hipótese é que a forma de encadernação original do manuscrito era de folhas retangulares longas dobradas em oito partes, ou colulas. Desta forma, a primeira página de manuscrito desse fragmento de tradução seria na verdade a sétima colula da página 49 do manuscrito da encadernação original, conforme a imagem a seguir:

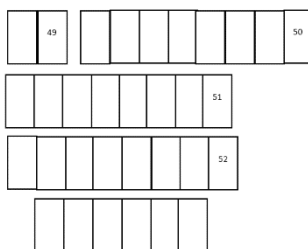


Figura 3. Hipótese de encadernação original do fragmento de tradução

Posteriormente o fragmento do manuscrito provavelmente foi encadernado num formato de duas colunas por página, perfazendo 16 folhas, como indicado na imagem a seguir:

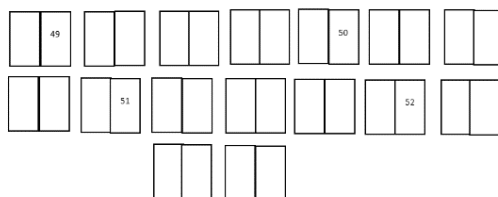


Figura 4. Encadernação posterior do manuscrito

Na transcrição, indicar-se-á a marcação de página conforme a hipótese apresentada anteriormente para explicar a inusitada forma encontrada na encadernação atual. A transcrição, por exemplo, começará com a indicação: “[Col.7, p. 49]” (lê-se “coluna 7 da página 49”) e assim sucessivamente. Será indicada a rasura de uma palavra feita pelo autor por meio do símbolo “*”, quando não for possível ler a palavra riscada. Mas quando a leitura é possível, apesar da rasura, a palavra será transcrita da seguinte forma: “sangue”.

5 Transcrição

[Col. 7, p. 49]

Livro 13⁷

Jove depois que á estação das naos trouxe a Heitor e seos Troianos, alli os deixa em trabalho e porfiosa lucta sem descanso, em q.to⁸ a outra banda volve os olhos luminosos a contemplar as terras onde doma o Thracio bravos ginetes prova o Mesio marcial valor, vigora o Hippemolgo com lactea nutrição, gente famosa pelo amor da justiça e por longa idade: não tinha mais os claros olhos postos em Troia que em seu animo não contava viesse algum dos immortais a soccorrer a Gregos ou Troianos.

Não fazia o poderoso Neptuno guarda em vão, assentado sobre o agudo pico da excelsa Samothracia, a ver do alto as batalhas da guerra: dalli descobria-se todo o monte Ida, dalli a cidade de Priamo e esquadra Achaia: alli foi ele postar-se sahindo das agoas, ~~a lastimar os Gregos que~~

⁷ O frei preferiu traduzir “canto” por “livro”.

⁸ Abreviação “em q.to” lê-se “enquanto”.

a mãos inimigas succumbião, profundamente indignado contra Jove, a lastimar os Gregos que a mãos inimigas succumbião.

Logo desceo da alcantilada montanha, apressando os passos: as cabeças das montanhas e as mattas tremião aos pés immortaes de Neptuno q⁹. * passava: três vezes estendeo o passo, e á quarta alcançou Eges, onde eternos e magníficos palacios tinha levantados de fulgente ouro no fundo das agoas. Chegando alli jungio ao carro seos ligeiros cavalos pé de bronze de aurea clina(sic), e tomando o latego de estimada fabrica sobio ao assento, e tangeo por [Col.8, p. 49] sobre as vagas: de toda parte no profundo escultavão os monstros marinhos em suas guaridas, cheios de jubilo ao verem o seo rei: o contentamento abria os mares, e os animaes voavão rapidos sem que consentissem humedecer-se o bronzeo eixo que elles levavão saltando por cima das ondas á frota achaia.

Entre Tenedo e a alpestre Imbros ha na profundeza do alto pelago huma vasta caverna; alli Neptuno desapparelhando do carro deixou ficar seos cavallos: distribui-lhes a refeição da immortalidade, e lançou lhes aureo ladriço, infrangivel, indestructivel, p.¹⁰ que se conservassem sem mover dalli até voltar o rei, e encaminhou-se p.^a o exercito grego.

Os Troianos em esquadrão cerrados eguais á chamma ou á escura tempestade investem em grita furiosos a Heitor Priamide: contão destroçar a grega armada, e acabar nella o mor valor.

Neptuno que contem e abala as terras, exhorta aos Argivos surgindo do profundo, semelhante a Calchante no corpo e voz indomita, de aos animosos Ajaces dizendo assim¹¹

Lembrados da antiga valentia e sem temor salvae, Ajaces, o povo grego: eu alhures não receio o braço invencivel dos Troianos passando em esquadrão a gran muralha; * *, ~~que soff~~* algu* d* * os corpulentos Achaio o saberão reprimir: só receio algu* * os* * que soframos algum [Col.1, p. 50] desastre alli onde, enfurecido como a chama comanda Heitor, que de Jove prepotente se diz filho. Assim vos pulsasse no peito alguma divindade p.^a resistir-lhe e comandar as nossas tropas, repelli-

⁹ Abreviação, significando a palavra “que”.

¹⁰ Abreviação de “para”.

¹¹ Não há no manuscrito pontuação no final desta frase.

lo-hieis da velleira esquadra apezar de affeito e animado pelo poder do Olympo.

Disse, e tocando-os com o sceptro os encheo a ambos de magnanimo furor: nos pés, nos braços, nos membros todos lhes deo agilidade; e depois como rapido abre vôo o falcão desprendendo-se de immensa rocha alcantilada, quando se arremessa a outra ave que persegue na campina, assim passou Neptuno desaparecendo aos olhos. Oíleo promptamente o reconheceo, e assim o disse a Telamonio:

Certamente Ajas, alguma das divindades que habitão o Olympo, he quem nos exhorta a combater na armada; não he o divino augusto Calchante; bem percebi pelo vestigio dos passos, quando se apartava; os deoses dão-se logo a conhecer: bate-me o coração no peito, todo o corpo agita-se acceso com o ardor da guerra e dos combates.

Tambem a mim, tornou-lhe Telamonio, suspirão as mãos invenciveis por manejar as armas, o furor me arrebatava, e os pés se me abalão: estou prompto eu a fazer frente ainda que so a incansável coragem de Heitor.

Assim dizião hum ao outro alegres com o marcial valor, que o deos lhes infundia no animo. Neptuno emfim animou [Col.2, p. 50] os derradeiros Achaios que refolgavão na frota; esmorecião-lhes os membros lassos de intoleravel fadiga, e pezava-lhes a dor de ver passada a muralha pelos esquadrões troianos; cahião-lhes dos olhos as lagrimas ao ve-lo, e não atinavão como escapassem á desgraça. Neptuno intervindo excitou as fortes phalanges; exhortou primeiro Teucro e Leito, dahi a Peneleão, Thoante e Deipyro, a Merione e Antiocho, habeis na guerra; e animando-
os estas palavras soltava:

Que desdouro, Argivos, vos amortece o viço da mocidade! Confiei á vossa coragem a salvação de nossa esquadra; mas se fugis aos perigos de batalha, hoje raia o dia, em que nos curvaremos ao jugo dos Troianos. Sim, com estes olhos hei de ver a maravilha horrenda, que jamais me passou pela mente, virem os troianos assaltar nossas nãos, gente comparavel aos gamos fugitivos, que nas mattas vivem timidos, fracos e vagabundos, destinados a ser preza dos lobos, jacacs e leopardos: assim estão esses Troianos; não se atrevião, por menos que fosse, a fazer frente á ira e força achaia. Mas agora longe da cidade investem a frota,

aproveitando-se da culpa do chefe e do desânimo das tropas, que em dissensão com ele persistem em não defender os visos de guerra, e assim são mortos. Mas se em verdade o poderoso Agamemnon he culpado por haver afrontado ao filho de Peleo, a nós cabe não fugir do campo.

[Col.3, p. 50]

Apressemos o remedio; facilmente curão-se as almas nobres: não esfrieis o ardor e coragem que vos anima todos vós que nos exercitos sois os mais distinctos. Não entro em contenda com aquelle que de cobarde foge ao campo da batalha, mas convosco agasto-me de veras, gente fraca que mór desgraça brevemente fareis com esta vossa indolencia, mas ponde bem na lembrança cada qual a vergonha e vituperio que haveis de padecer. Já renhido combate se levanta; peleja com denodo Heitor valoroso; já rebenta as portas e suas eneas cadêas já estalão.

Assim exhortava Neptuno aos Achivos; em redor dos dois Ajaces se reunião as aguerridas phalanges: nem Marte nem Minerva sublevadora tinhão q.¹² reprehender: os que erão havidos por mais bravos esperavão a Heitor e os Troianos encontrando lança a lança, cerrado escudo com escudo, armadura ao embate com armadura, capacete a capacete, corpo a corpo se ajuntava; as fulgentes plumas dos cavalheiros açoitando os elmos se tocavão, tão cheias se reunião e apertadas as fileiras; dobravam-se os arremessos por mãos valentes tangidos, assim arremeterão contra os inimigos em direitura, respirando o ardor na guerra.

Derão a primeira descarga os Troianos cerrados, estava a frente no comando Heitor impellido de ardor e ímpeto, co-[Col.4, p. 50] mo do cimo da rocha se despenha o redondo fragmento que a torrente caudalosa solta e impelle, quebrando as ligaduras que prendião a atrevida pedra: ella salta e vai voando, e por onde passa, vão as mattas retumbando, apressada sempre e sem embaraço arrebatada, até que enfim chega ao chão, e pára de revolver-se inquieta. Assim Heitor, espalhando mortes, ameaça de penetrar nas tendas e frota achaia, mas encontra as grossas phalanges e pára; a mocidade achaia brandindo a espada e biferrea lança, o repelle: mas reprimido, constringido a ceder estas vozes dirige aos Troianos.

Troianos, Lycios, Dardanos bellicosos, conservae-vos firmes; não muito me resistirão os Archivos ainda que em esquadrão formado em

¹² Abreviação para a palavra “que”.

torre: dobrar-se-hão, estou certo, aos golpes de minhas armas, assim como he certo que o maior dos deoses me assiste, o tonante esposo de Juno.

Assim dizendo movia o valor e coragem de cada hum. Em frente marchava soberbamente Deiphobo Priamide com o escudo sempre posto, pisando de leve e bem acobertado. Merione aponta-lhe o boido (sic) ferro, que atirou sem errar ao broquel, mas não o passou, que primeiro quebrou-se-lhe no cabo o arremesso. Tinha Deiphobo o escudo longe, e receiôso dos golpes de Merione, revirou-se p.^a o corpo dos camaradas, irri-[Col.5, p. 50]tado tanto pela perda da victoria, como pela arma que se lhe quebrara. Volta apressadam.te¹³ á estação em busca da outra arma que lhe ficara.

Sustentão outros a peleja; levanta-se o alarido sem cessar. Logo Teucro Telamonio mata o denodado Imbrio, filho do cavaleiro Mentor. Habitava as margens do Pedeo antes de chegar a gente achaia; casou com a filha espuria de Priamo, Mendesticaste; mas depois q. as não dos Danaos impellidas de hum e outro bordo alli aportarão, retirou-se p.^{a14} Ilio, onde distinguio-se entre os Troianos: viveo em casa de Priamo que o tratou como filho. Foi ferido na fonte (sic) pelo filho de Telamon que arrancou o ferro, e o deixou cair como *** no cume de vistoso monte cae o frêxo pela foice derrubado, estendendo seos tenros ramos no chão: assim cahio elle, e o bronze das armas retinio-lhe em torno. Teucro avança com o intuito de despoja-lo, mas ao ve-lo avançar Heitor o dardeja: ele o pressente desvia-se do cupreo golpe, e fere no freixo a Amphimaco, filho de kteato Actorião, que tornara ao combate; cahio, e soarão-lhe as armas cahindo. Avançou então Heitor a arrancar da cabeça do magnanimo Amphimaco o capacete que lhe estava justo, he o tempo em que Ajas vae-lhe direto com o luzido gladio, mas não [Col.6, p. 50] lhe apanha o corpo que todo se lhe oculta no fulgor das armas; bate-lhe apenas o embigo (sic) do broquel, e o impelle com força, ele recuou, e os Gregos apossarão-se dos dois corpos. A Amphimacho transportarão p.^a o meio dos Gregos Stichou e o divino Menesteo, principes Athenienses; a Imbrio os dois Ajaces valorosos. Como dois leões que levão por expesso silvado a

¹³ “apressadamente”.

¹⁴ Outra abreviação para a palavra “para”.

cabra arrebatada a caninos dentes, e alta a sustentão nos queixos; assim o transportão os dois Ajaces, e lhe tirão as armas.

Oileo irritado contra Amphimacho lhe separa a cabeça do delicado pescoço, e volteando-a no ar atirou com ella em roda com tanta força por meio do povo, que foi cahir em frente aos pés de Heitor.

Abraza-se em ira o coração de Possidonio ao ver morrer-lhe o neto no fogo da batalha; ja se arroja alem das tendas e frota Achaia a levantar os Danaos, preparando mil desgraças aos Troianos. A elle se offerece de encontro o dextro Idomeneo ao voltar de ao pé de hum camarada que do campo lhe viera, havia pouco, traspassado de agudo ferro no jarrete; e q.do¹⁵ os companheiros o trazião, já partia da tenda, deixando-o recomendado aos cuidados dos peritos: que todo possuia o desejo de ser o primeiro na ação. Então falou-lhe Neptuno, imitando na voz a Thoante, filho de Andremon, que em toda a Pleurona e [Col.7, p. 50] e¹⁶ na excelsa Calcidonia reina sobre os Etoles fala venerado pelo povo como um deos.

Principe dos Cretenses, sabio Idomeneo, em que devão, dizeme, aquelles feros, com que aos Troianos ameaçava a mocidade achaia?

E logo lhe tornou em resposta o capitão cretense: não se pode accusar, Thoante, alguém que eu saiba: aos riscos da guerra estamos todos affeitos: a ninguem o pavor desanima: ninguem cedendo ao ocio refusa a sorte dos combates. Mas ao poderoso Saturnio assim apraz, que acabem longe de Argos os Gregos sem gloria. Porem, Thoante, pois eras dantes bellicoso, e a quem vias desfallecido, levantavas o animo, não cesses agora de exhortar e inspirar em todos animações.

Caro Idomeneo, replicou-lhe Possidonio, não torne mais de Troia, mas acabe ludibrio dos cães, a quem quer que falte coragem p.^a o combate deste dia. Eia, volta armado, toda a diligencia neste empenho, a ver se apenas dois, seremos de algum proveito: cresce o valor ainda aos fracos, se se achão reunidos, nós até aos fortes mostraremos, como sabemos combater.

Assim dizendo marchou a divindade a frente dos humanos.

¹⁵ Abreviação para a palavra “quando”.

¹⁶ O autor repete a conjunção “e”, posto que já a havia escrito no final da página anterior.

6 Conclusão

No catálogo da Biblioteca Nacional, o manuscrito estudado no presente artigo é denominado apenas como *Iliada* de Homero, sem datação e sem local de redação. Depois da análise paleográfica e do estudo empreendido para este artigo, conclui-se que é um manuscrito de fragmento de tradução em português da *Iliada*, tradução feita no Brasil do século XIX, provavelmente no Rio de Janeiro, pelo frei José de Santa Maria Amaral, professor de Filosofia do Colégio Pedro II, posteriormente Reitor do mesmo Colégio, Supervisor de Instrução Pública, professor de Filosofia das Princesas Imperiais Isabel e Leopoldina, além de ter sido também professor e mantenedor dos estudos daquele que viria a ser o primeiro Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ramiz Galvão, que por sua vez doou o manuscrito à Biblioteca Nacional. Esboçamos também uma visão geral de como poderia ter sido a percepção de Homero pela elite intelectual da época, justificando em seu prestígio a empreitada de traduzi-lo. Sabe-se que a tradução da *Iliada* de Odorico Mendes foi publicada em 1874, realizada, porém, bem antes, uma vez que seu autor morreu em 1864. Frei José de Santa Maria Amaral começou a lecionar Filosofia no Colégio Pedro II em 1858, já reputando a fama de grande conhecedor das letras “sagradas e profanas”. Portanto, estamos diante de um fragmento de tradução da *Iliada* que poderia ter sido contemporânea ou até mesmo anterior à de Odorico Mendes, algo bastante significativo para a história da Recepção dos Clássicos no Brasil, mas que até hoje não foi mencionado em nenhum estudo.

Referências

ALENCAR, Mario de. A decadência da poesia. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, terceiro ano, tomo XII, pp. 52-54, 1897.

BAKOGIANNI, A. O que há de tão ‘clássico’ na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras. *Codex*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, pp. 114-131, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/3341>.

BERWANGER, Anna Regina & LEAL, João Eurípides Franklin. *Noções de paleografia e diplomática*. 3.ed. revista e ampliada. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio; CASTELO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. 5ª. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

CARDOSO DE MENEZES, João. “Fr. Francisco de Monte-Alverne”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 12, n.232, 22 ago. 1855, p. 1.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II: ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HARDWICK, L. From Classical Tradition to Reception Studies. In: *Reception with Antiquity. Reception Studies. Greece & Rome*. New surveys in the Classics No. 33. Oxford: University Press, 1-31, 2003.

HOMERO. *Iliada*: livro 13. [S.l.: s.n.]. 16 p. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss_I_07_11_061/mss_I_07_11_061.pdf. Acesso em: 23 abril de 2023.

FOSTER, C. L. E. “Familiarity and recognition: towards a new vocabulary for classical reception studies”. In: POURCQ, M. et alii (ed.). *Framing Classical Reception Studies: different perspectives on a developing field*. Leiden: Brill, pp. 33-69, 2020.

FRADE, Gustavo. Homero e a questão homérica. *Em Tese*. [s.l.], v.23, n.3, pp. 209-231, 2018.

RAMOS, L. A. de. Os beneditinos e a cultura: ressonâncias da ilustração. *História: Revista da Universidade do Porto*. [s.l.], v.1, pp. 159-186, 2019.

SCHWACZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SPAGGIARI, Bárbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

TATUM, J. “A real short introduction to Classical Reception Theory”. *Arion*, Vol. 22. 2, pp. 75-96, 2014.

WERNECK, Maria Helena. Veja como ando grego, meu amigo: o corpo e a arte na correspondência de Machado de Assis. *Scripta*, Belo Horizonte, v.3, n.6, pp. 137-146, 2009.